

Universidade Federal do Rio de Janeiro

MARIANA CARPENTER GENESCÁ

# **O Brasil nas Paraolimpíadas de Atenas 2004**

Rio de Janeiro  
2004

# **O Brasil nas Paraolimpíadas de Atenas 2004**

por

MARIANA CARPENTER GENESCÁ

UFRJ – Escola de Comunicação

Projeto Experimental apresentado  
na Escola de Comunicação da  
Universidade Federal do Rio de  
Janeiro - UFRJ, como parte dos  
requisitos necessários à obtenção  
do grau de Bacharel em Jornalismo

Orientador: Fábio Lacombe

**Rio de Janeiro**

**2004**

## **O Brasil nas Paraolimpíadas de Atenas 2004**

“Projeto Experimental submetido ao corpo docente da Escola de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel.”

Examinado por:

---

Prof. Fábio Lacombe, Orientador

---

Prof.<sup>a</sup>. Ilana Polistchuck

---

Prof. Mauricio Schleder

Rio de Janeiro  
13 de dezembro de 2004

## **RESUMO**

GENESCÁ, Mariana Carpenter. O Brasil nas Paraolimpíadas de Atenas 2004. Orientador: Fábio Lacombe. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2004. 26 folhas. Projeto Experimental (Graduação em Comunicação Social. Habilitação em Jornalismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Vídeo documentário sobre a participação do Brasil nas Paraolimpíadas de Atenas 2004. Imagens e entrevistas de atletas e profissionais que participaram do vitorioso desempenho da equipe brasileira nesta importante competição. A questão do deficiente físico e a importância do esporte como ferramenta de inclusão social. As potencialidades e a capacidade de superação de limites, daqueles que trocaram a palavra ‘deficiência’ por ‘eficiência’ e se tornaram heróis nacionais.

## **ABSTRACT**

This is a video documentary on the performance of Brazilian Teams at the Paralympic Games in Athens, 2004. Images and interviews are of athletes and professionals who were responsible for the successful results of Brazilian Teams in this important event. The issue of the physically disabled and the importance of sports activities as a tool for social inclusion are emphasized. It is shown the potentialities and talent of those who have gone beyond the limits, chosen to trade the word 'disability' for the word 'accomplishment', and so become national heroes.

## SUMÁRIO

Relação de anexos .....	vi
1. Introdução .....	7
2. O deficiente físico no Brasil .....	8
3. O esporte para deficientes e a origem das paraolimpíadas .....	8
4. O paradesporto no Brasil .....	9
4.1. História .....	9
4.2. Esporte para inclusão social .....	10
5. Participações brasileiras em Paraolimpíadas .....	10
6. Atenas 2004 .....	11
6.1. No berço da civilização ocidental .....	11
6.2. Categorias de deficiências .....	12
6.3. Modalidades .....	12
6.4. Emblema .....	15
6.5. Mascote .....	15
7. O Brasil em Atenas .....	16
7.1. Novos horizontes com a Lei Agnello Piva .....	16
7.2. Grandiosidade do projeto e a inédita cobertura jornalística .....	16
7.3. Resultados brasileiros .....	16
7.3.1. O Brasil é dourado .....	16
7.3.2. As pratas .....	17
7.3.3. Os bronzes .....	17
7.3.4. Recordes e destaques .....	18
8. Produções sobre o tema .....	18
9. Proposta do vídeo .....	19
10. Relatório de produção .....	20
10.1. Captação de imagens .....	20
10.2. Entrevistas .....	21
10.3. Decupagem e roteirização .....	21
10.4. Edição e finalização .....	22
11. Bibliografia .....	23
12. Anexos .....	24

## **RELAÇÃO DE ANEXOS**

**Anexo A:** Lei nº 10 264, de 16 de julho de 2001, conhecida como Lei Agnello Piva

**Anexo B:** Ilustração do emblema dos Jogos Paraolímpicos de Atenas 2004

**Anexo C:** Ilustração do ‘Proteas’, o mascote dos Jogos Paraolímpicos de Atenas 2004

## **1- Introdução**

A capacidade de superação do ser humano é, muitas vezes, algo estrondoso e impressionante. Superar limites, superar obstáculos, superar deficiências. Para quem acompanhou os XII Jogos Paraolímpicos, realizados em Atenas, na Grécia, entre os dias 17 e 28 de setembro de 2004, guardou, sem dúvida, algumas imagens fortes na memória. Imagens de alegria, imagens de tristeza, imagens de dor, mas principalmente, imagens de quem não se acomodou com uma fraqueza ou uma deficiência física, e levou os termos ‘raça’ e ‘determinação’ aos seus significados mais extremos.

O número de deficientes físicos no Brasil e no mundo é elevado e espera-se, que para um futuro próximo, esse número ainda aumente com as vítimas das últimas guerras que se espalham pelo planeta. São seres humanos com direitos e deveres que devem ser respeitados.

O esporte tem e terá, cada vez mais, um papel muito importante na inclusão social desses cidadãos. Os Jogos Paraolímpicos, depois dos Jogos Olímpicos, é o maior evento esportivo do mundo, capaz de reunir centenas de países, muitos deles, rivais políticos e econômicos.

O Brasil teve uma participação impressionante nos Jogos de Atenas. Através de um trabalho inédito desenvolvido pelo Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB), os atletas tiveram suporte técnico para os treinamentos e puderam, durante as competições, conquistar 33 medalhas. Além disso, pela primeira vez, a imprensa brasileira dedicou mais espaço aos atletas portadores de deficiências. Um canal a cabo, inclusive, transmitiu ao vivo as competições para o Brasil.

Com tudo isso, um vídeo documentário que mostrasse a vitoriosa participação desses brasileiros nesta importante competição esportiva, se mostrou um caminho para a abordagem de temas ligados a questão do deficiente físico no Brasil. Suas reais condições de vida, as dificuldades e obstáculos superados a cada dia, os direitos não respeitados. Traz à tona também, sentimentos de orgulho e admiração por alguns que se parecem super-heróis ao demonstrar tanta força e habilidade. Nos fazem questionar o verdadeiro significado de palavras como ‘deficiência’ e ‘eficiência’ e nos fazem refletir sobre a nossa própria vida.



## **2- O deficiente físico no Brasil**

Estimativas da Organização Mundial de Saúde (OMS) calculam em cerca de 610 milhões o número de pessoas com deficiência no mundo, das quais 386 milhões fazem parte da população economicamente ativa. Avalia-se que 80% do total vivam nos países em desenvolvimento.

No Brasil, segundo dados do Censo realizado em 2000 pelo IBGE, existem 24,5 milhões de brasileiros portadores de algum tipo de deficiência, o que significa que 14,5% da população brasileira apresenta alguma deficiência física, mental ou dificuldade para enxergar, ouvir ou locomover-se.

Os dados do Censo mostram também que, do total de casos declarados de portadores de deficiência, 8,3% possuem deficiência mental, 4,1% deficiência física, 22,9% deficiência motora, 48,1% visual e 16,7% auditiva. Entre 16,5 milhões de pessoas com deficiência visual, 159 824 são incapazes de enxergar, e entre os 5,7 milhões de brasileiros com deficiência auditiva, 176 067 não ouvem.<sup>1</sup>

Trata-se de um universo expressivo de pessoas. Vários fatores fazem com que esse número seja elevado, incluindo o fato de que estamos entre os países com maiores índices de acidentes de trabalho e de violência urbana, o que contribui para o aumento do número de jovens com deficiência.

## **3- O esporte para deficientes e a origem das Paraolimpíadas**

A história do esporte para pessoas portadoras de deficiências físicas teve início na cidade de Aylesbury, na Inglaterra, no ano de 1944. Ludwig Guttman, neurologista alemão de origem judaica, que fugira da perseguição aos judeus, criou, a pedido do governo britânico, o Centro Nacional de lesionados medulares do Hospital 'Stoke Mandenville'. O Centro era destinado a tratar soldados do exército inglês, feridos na Segunda Guerra Mundial.

O neurologista alemão adaptou a prática da atividade física ao processo de reabilitação de seus pacientes. As primeiras atividades desportivas para portadores de deficiência física foram o arco e flecha, tênis de mesa e arremesso de dardo.

---

<sup>1</sup> Informações retiradas do site: [www.ibge.gov.br/censo](http://www.ibge.gov.br/censo).

Em 1948, Guttman organizou os ‘Jogos de Stoke Mandeville’. A competição contou com a participação de dezesseis atletas veteranos de guerra, e coincidiram com a disputa, em Londres, das XIV Olimpíadas.

Em 1960, em Roma, Antonio Maglio, diretor do Centro de Lesionados Medulares de Ostia, na Itália, e colega de Guttman, propôs que os ‘Jogos Internacionais de Stoke Mandeville’ se realizassem naquele ano na capital italiana, imediatamente após a XVI Olimpíadas, e nas mesmas instalações. Os Jogos Paraolímpicos, com a denominação de Olimpíadas dos Portadores de Deficiência reuniram 400 esportistas em cadeiras de rodas, de 23 países. A competição teve o apoio das autoridades italianas, e desde então, os Jogos Paraolímpicos se realizam na mesma cidade e nas mesmas instalações das Olimpíadas.

Em 1964, Tóquio, no Japão, sediou as Paraolimpíadas, com 390 atletas de 22 países. Em 1968, Tel Aviv, em Israel, recebeu 750 atletas de 29 países. Heidelberg, na Alemanha, em 1972, hospedou 1000 atletas de 44 países. Em 1976, foi a vez de Toronto no Canadá, que recebeu 1600 atletas de 42 países. As VI Paraolimpíadas foram realizadas em Arnhem, na Holanda, com 2500 atletas de 42 países. Depois veio a própria Stoke Mandeville, na Inglaterra, em 1984, com 4080 atletas de 42 países. Em 1988, Seul, na Coreia, com 3053 atletas de 61 países. EM 1992, Barcelona na Espanha, contou com 3020 atletas de 82 países. Atlanta, nos EUA, recebeu 3195 atletas de 103 países, em 1996. Em 2000, Sidney, na Austrália, recebeu a delegação de 3843 atletas de 123 países. Em setembro de 2004, Atenas, na Grécia, sediou os XII Jogos Paraolímpicos com 4000 atletas de 134 países, em 12 dias de competições.

## **4- O Paradesporto no Brasil**

### **4.1- História**

O esporte para portadores de deficiência nasceu no Brasil em 1958, quando o paraplégico Robson Almeida Sampaio fundou, na cidade do Rio de Janeiro, o Clube do Otimismo.

Em 1975 foi fundada a Associação Nacional de Desporto para Excepcional (ANDE), que agregava todo tipo de deficiência. Com o crescimento da participação de atletas com as mais diversas deficiências, as entidades representantes foram se tornando cada vez mais específicas, para atender a todos.

Nasceram assim, a Associação Brasileira de Desportos para Cegos (ABDC); a Confederação Brasileira de Desportos de Surdos (CBDS); a Associação Brasileira de Desporto para Amputados (ABDA); a Associação Brasileira de Desporto em Cadeira de Rodas (ABRADECAR); a Associação Brasileira de Desportos para Deficientes Mentais (ABDEM). A ANDE passou a se chamar Associação Nacional de Desportos para Deficientes, destinando-se apenas aos atletas vítimas de paralisia cerebral.

Em 1995 foi criado o Comitê Paraolímpico Brasileiro. Neste mesmo ano foram realizados, em Goiânia, os I Jogos Brasileiros Paradesportivos, e no ano seguinte, 1996, no Rio de Janeiro, os II Jogos Brasileiros Paradesportivos. Ambos tiveram um número expressivo de atletas e contaram com o apoio de algumas empresas e autoridades.

#### **4.2- Esporte para inclusão social**

O paradesporto é uma ferramenta de inclusão social. Pretende-se através das modalidades esportivas desenvolvidas mostrar o potencial do indivíduo e a capacidade de superação de dificuldades e limites.

“O esporte tem uma importância vital para os deficientes: é seu caminho para se tornarem cidadãos, se integrarem à sociedade”, explica Raniero Bassi, de 48 anos, paraplégico e treinador de basquete em cadeiras de rodas.

Severino Vital, atual presidente do Comitê Paraolímpico Brasileiro, defende ainda, a importância de se tratar o deficiente físico como uma pessoa qualquer:

“O deficiente não tem que ser visto como um super-homem ou coitadinho, ele é uma pessoa comum, com direitos e deveres (...) O esporte para deficientes não tem que ser visto como algo bizarro ou curioso. Deve-se discuti-lo, como se discute o esporte convencional.”<sup>2</sup>

#### **5- Participações brasileiras em Paraolimpíadas**

A primeira representação do Brasil em paraolimpíadas foi em 1972, em Heidelberg, na Alemanha. Mas as primeiras medalhas só vieram em 1976, nos Jogos Paraolímpicos de Toronto, no Canadá. Robson Sampaio de Almeida e Luis Carlos Curtinho conquistaram a prata na bocha.

---

<sup>2</sup> retirado de entrevista feita para a produção do vídeo documentário.

Na Holanda, em 1980, o time de basquete masculino de cadeiras de rodas e um nadador marcaram a presença do Brasil.

Nos Jogos de 1984, a atleta Anaelise sagrou-se a primeira cega brasileira medalhista no atletismo. O feito foi alcançado na prova de 100 metros rasos.

Em 1988, nos Jogos Paraolímpicos de Seul, o Brasil conquistou 27 medalhas: quatro de ouro, dez de prata e 13 de bronze. Na classificação geral, voltou como o 25º colocado entre 65 países concorrentes. Nesta edição, o atleta Luís Carlos Pereira ganhou três medalhas de ouro – disco, dardo e peso – e estabeleceu três recordes, sendo dois mundiais e um paraolímpico. A outra medalha de ouro foi da nadadora Graciana Alves.

A evolução do quadro de medalhas sofreu uma queda nos Jogos seguintes. Em 1992, em Barcelona, a equipe brasileira conquistou apenas sete medalhas – três de ouro e quatro de bronze. O Brasil terminou na 30ª colocação entre 92 países participantes.

Em 1996, em Atlanta, o Brasil foi representado por uma delegação de 58 atletas. Foram 21 medalhas, sendo duas de ouro, seis de prata e 13 de bronze. Na classificação geral, terminou como o 37º país dentre os 114 participantes.

## **6- Atenas 2004**

### **6.1- No berço da civilização ocidental**

As Paraolimpíadas de 2004, assim como as Olimpíadas, tiveram um destaque especial em função de seu país sede. Após 108 anos da primeira edição das olimpíadas modernas, os Jogos retornaram ao seu país de origem e trouxeram à tona as riquezas daquele que foi o berço da civilização ocidental. Olhares atentos ao Parthenon, Templo de Zeus e outros importantes monumentos que transpiram história.

Também pela primeira vez, um mesmo comitê foi responsável pela organização das Olimpíadas e das Paraolimpíadas. Os Jogos para deficientes são realizados nos mesmos locais onde são disputados os Jogos Olímpicos, com as adaptações necessárias feitas no intervalo de quinze dias entre os dois eventos.

A grandiosidade dos jogos de Atenas 2004 pode ser expressa através dos números: 4000 atletas de 134 países participaram das competições; 3000 representantes de mídia de todo o mundo estiveram presentes e 300 horas de transmissão ao vivo foram geradas; 35 000 pessoas trabalharam na organização do evento, sendo 15 000 voluntários; 75% dos quartos da

Vila Olímpica foram projetados e construídos especialmente para portadores de deficiências. Além disso, 300 ônibus foram adaptados para o transporte de cadeirantes.

### **6.2- Categorias de deficiências**

Os atletas que participam dos Jogos Paraolímpicos são divididos em categorias funcionais de acordo com a limitação de cada um, para que haja equilíbrio. Assim eles ficam incluídos nas seguintes categorias: atletas com deficiência física; atletas com algum membro amputado; atletas com ferimentos na medula espinhal, isto é, atletas com deficiência física que não são incluídos nas categorias anteriores; atletas com paralisia cerebral e atletas cegos.

### **6.3- Modalidades**

Foram dezenove modalidades disputadas nas Paraolimpíadas de Atenas. Dentro de cada modalidade há ainda, a divisão entre os atletas com graus de deficiências diferentes.

O ‘atletismo’ é o esporte mais popular das Paraolimpíadas e por isso, envolve o maior número de atletas e eventos. Homens e mulheres com paralisia cerebral, lesões na coluna, amputações e outras deficiências físicas, e portadores de deficiência visual parcial ou total, participam das mais diferentes provas de atletismo. O programa se divide em cinco grandes grupos: corrida, saltos, lançamento, arremesso e pentatlo. Os atletas competem em cadeiras de rodas, usando próteses ou com a ajuda de guias, para o caso dos deficientes visuais.

No ‘basquete de cadeira de rodas’, cada time possui cinco jogadores em quadra e sete substitutos. As substituições acontecem em intervalos. Há algumas diferenças entre o basquete olímpico e o paraolímpico. Entretanto, as dimensões da quadra e a altura das cestas são as mesmas do jogo convencional. Homens e mulheres com lesões na coluna, amputações, paralisia cerebral e outras deficiências físicas participam dessa modalidade.

A ‘bocha’ é uma modalidade para ser jogada individualmente, em dupla ou em trio. É um esporte para atletas com paralisia e outras deficiências motoras e usuários de cadeiras de rodas.

As competições de ‘ciclismo’ incluem duas modalidades: ciclismo de pista e ciclismo de rua. Embora as regras sejam as mesmas para o ciclismo olímpico e paraolímpico, existem algumas diferenças para garantir a segurança e facilitar a adaptação dos atletas. Praticam essa

modalidade, atletas com paralisia cerebral, deficientes visuais e amputados, nas categorias feminina e masculina, individual ou por equipe. As provas são de estrada, velódromo e contra-relógio.

Os atletas da ‘esgrima paraolímpica’ são portadores de deficiência física e competem em cadeira de rodas. Durante as partidas, as cadeiras são fixadas no solo e isso facilita a execução de movimentos rápidos e alternados. A modalidade possui as categorias feminina e masculina, e pode ser individual ou em equipe.

O ‘futebol de cinco’ é um esporte muito popular entre atletas com deficiência visual total ou parcial e fez a sua estréia nas Paraolimpíadas de Atenas. As partidas acontecem entre equipes compostas por quatro atletas cegos, um goleiro que enxerga, mesmo com problemas visuais, e cinco reservas. Os jogos duram 50 minutos, divididos em dois tempos de 25, com dez minutos de intervalo. E acontecem em quadras a céu aberto, para evitar eco, pois uma característica muito particular dessa modalidade é que a bola possui guizos, para guiar os atletas.

O ‘futebol de sete’ é para atletas com paralisia cerebral. Eles competem nos torneios, formando equipes de doze jogadores cada. As partidas são realizadas com times compostos por sete jogadores em campo, incluindo os goleiros. A duração é de uma hora, dividida em dois tempos de 30 minutos cada, e um intervalo de quinze. As regras e o regulamento do ‘futebol de sete’ são elaborados pela Federação Internacional das Associações de Futebol (FIFA) e o Comitê Internacional de Esporte e Recreação dos portadores de Paralisia Cerebral (CP- ISRA).

O ‘goalball’ é um esporte exclusivo das Paraolimpíadas. Uma modalidade jogada em equipe para atletas com deficiência visual total e parcial. Força, velocidade, reflexos rápidos, flexibilidade e senso de orientação, são algumas habilidades exigidas para o jogador de ‘goalball’. A modalidade é disputada por equipes masculinas e femininas, em partidas que duram 20 minutos, com dois tempos de dez. Cada equipe conta com três jogadores titulares e três reservas. O objetivo das equipes é marcar gols. A bola possui um guizo, para emitir sons.

No ‘halterofilismo’, mais que força, é preciso técnica. Nas paraolimpíadas, homens e mulheres praticam o estilo ‘Powerlifting’: deitado num banco especialmente projetado, o atleta em supino faz o movimento de cima para baixo, retornando a barra à posição original. A modalidade é praticada por amputados, paralisados cerebrais e atletas com outros tipos de deficiência motora.

No ‘hipismo’, homens e mulheres competem juntos nas mesmas provas, sem distinções. Outra peculiaridade é que tanto os competidores quanto os cavalos vencedores

recebem medalhas. A maior dificuldade para cavaleiros e amazonas é o pequeno período de entrosamento com os cavalos, já que os animais são emprestados aos atletas poucos dias antes da competição.

O ‘judô paraolímpico’ é praticado por atletas portadores de deficiência visual total ou parcial. Para ganhar a competição, o judoca deve marcar um ‘Ippon’, que equivale a 10 pontos. Caso nenhum dos participantes consiga finalizar esse golpe, vence aquele que tiver marcado mais pontos.

A ‘natação’ é praticada por atletas portadores de deficiência física ou visual. As competições femininas e masculinas abrangem os quatro estilos oficiais: peito, borboleta, costas e livre. As distâncias variam de 50 a 800 metros, por equipe ou individual. As regras são as mesmas da Federação Internacional de Natação Amadora, com algumas adaptações, principalmente para largadas, viradas e chegadas.

O ‘rúgbi em cadeira de rodas’ é uma modalidade relativamente nova nas competições paraolímpicas. Sua primeira participação ocorreu em Sidney, em 2000. Os jogos acontecem numa quadra de basquete, com uma bola similar à de vôlei. Homens e mulheres com deficiência física podem participar dessa modalidade. Os atletas são avaliados pela capacidade de mobilidade do tronco, da manipulação da bola e senso de estabilidade.

Os jogadores do ‘tênis de mesa paraolímpico’ competem em pé e em cadeira de rodas. Homens e mulheres com paralisia cerebral, lesões na espinha dorsal, amputações ou outras dificuldades de locomoção podem participar dos jogos.

As partidas de ‘tênis’ são disputadas entre dois atletas ou em duplas, e são destinadas a usuários de cadeira de rodas, homens e mulheres. Os esportistas são portadores de deficiência motora nas pernas. Também existe uma categoria especial para quadriplegia, atletas com perda da função motora dos membros inferiores, ou amputação dos membros superiores.

Tanto o ‘tiro’ olímpico quanto o paraolímpico são regidos pelas mesmas normas. Entretanto, existem alguns ajustes para facilitar a atuação dos atletas com deficiência. Os eventos de tiro são distribuídos entre distância, tipo de alvo e arma, posição de disparo, e tempo em que cada tiro deve ser dado.

O ‘tiro com arco’ é uma modalidade para atletas com deficiências como tetraplegia ou paraplegia, paralisia cerebral ou amputação. Eles podem participar em categorias individuais e em equipe. O objetivo é disparar flechas em um alvo de 122cm de diâmetro, a 70m de distância.

As competições de ‘vela’ acontecem em canais, e estão divididas nas categorias Sonar e 2.4mR. A vela é praticada por atletas com deficiência visual total ou parcial, ou portadores de deficiência física.

As diferenças entre o ‘vôlei paraolímpico’ e o olímpico são basicamente as dimensões mais reduzidas da quadra, a rede mais baixa e os atletas que jogam sentados. No vôlei sentado, os atletas são portadores de deficiências físicas. A maioria desses esportistas tem algum membro amputado.

#### **6.4- Emblema**

O emblema das Paraolimpíadas de 2004 é uma forma arredondada, de cor dourada, com o perfil de um atleta, traçado por uma linha branca. A figura aponta para o horizonte simbolizando o otimismo e o futuro. No centro, está a face humana representando a força e a determinação do indivíduo em conquistar seus objetivos. A circunferência dourada nos remete ao sol e ao seu calor e suas chamas que estão presentes na raça e na disposição de cada competidor dos Jogos.

#### **6.5- Mascote**

O mascote das paraolimpíadas de Atenas é um cavalo marinho chamado ‘Proteas’, nome de uma divindade da mitologia grega. Seu autor buscou uma forma que retratasse os quatro valores originais dos Jogos Paraolímpicos: inspiração, força, perseguição e celebração. E encontrou no mar, elemento importante da cultura grega que originou inúmeros deuses e heróis, a idéia do mascote, que agrega paz e tranquilidade à paixão e à força, sentimentos muito presentes nas competições esportivas.



## **7- O Brasil em Atenas**

### **7.1- Novos horizontes com a Lei Agnello Piva**

A Lei 10.264, de 16 de julho de 2001, conhecida como Lei Agnello Piva, repassa recursos financeiros oriundos das loterias da Caixa Econômica Federal a diversas confederações olímpicas e também ao Comitê Paraolímpico Brasileiro.

Segunda a lei, dois por cento da arrecadação bruta dos concursos de prognósticos e loterias federais devem ser destinados aos Comitês Olímpico e Paraolímpico. Sendo 85% dirigidos ao desporto olímpico, e 15% ao paraolímpico.

A Lei proporcionou uma estrutura sólida e gerou recursos ao Comitê Paraolímpico que foram investidos na preparação dos atletas para os jogos de Atenas.

### **7.2- Grandiosidade do projeto e a inédita cobertura jornalística**

Com os recursos oriundos da Lei Agnello Piva foi possível traçar uma estratégia de comunicação que trouxesse visibilidade aos atletas paraolímpicos durante a competição. Um projeto de três milhões de reais, que custeou, entre outros investimentos, a ida de jornalistas de rádio, jornal impresso e internet à Atenas para a cobertura de todo o evento. No caso da televisão, uma equipe terceirizada foi responsável pela captação de imagens de todo o evento e transmitia essas imagens diariamente por satélite, para que fossem ao ar no Brasil em todos os canais, ainda no mesmo dia.

Além disso, pela primeira vez na história, os Jogos Paraolímpicos foram transmitidos ao vivo no Brasil. O canal a cabo Sportv, comprou os direitos e transmitiu, em tempo real, as competições.

### **7.3- Resultados brasileiros**

#### **7.3.1- O Brasil é dourado**

O Brasil conquistou 33 medalhas e terminou a competição ocupando a 14ª colocação entre os 134 países participantes. Dessas 33 medalhas, quatorze foram de ouro, onde sete

ficaram com os atletas da natação, cinco com o atletismo, uma com o judô e uma com o futebol de cinco.

Os medalhistas dourados foram: na natação, Clodoaldo Silva nos 100m livres, 200m livres, 50m borboleta, 150m medley, 50m livres e 4 por 50m medley, que contou também com a equipe formada por Francisco Avelino, Adriano Lima e Luiz Silva. Fabiana Sugimori venceu nos 50m livres para deficientes visuais.

No atletismo os ouros foram de Adria Santos nos 100m rasos para deficientes visuais; Antonio Delfino venceu nos 200 e 400m rasos para amputados de uma mão; André Andrade recebeu o ouro nos 200m rasos para deficientes visuais e Sueli no arremesso de disco para amputados.

No judô, ouro para Antônio Tenório, deficiente visual até 100 kg e ouro para a equipe de cegos do futebol de cinco.

### **7.3.2- As pratas**

Foram doze medalhas de prata conquistadas pela equipe brasileira, das quais, duas para o judô, três para a natação, seis para o atletismo e uma para o futebol de sete.

Na natação os medalhistas foram Edênia Garcia nos 50m nado costa, Ivanildo Vasconcelos nos 100m peito e a equipe dos 4 por 50m nado livre composta por Clodoaldo Silva, Joon Sok, Luiz Silva e Adriano Lima. Todos nas categorias de paralisados cerebrais.

No atletismo, as pratas foram para Odair Ferreira nos 1500 e 5000m para deficientes visuais; Adria Santos nos 200 e 400m rasos para deficientes visuais totais; André Andrade nos 100m rasos para atletas com menor grau de deficiência visual e Gilson dos Anjos, nos 800m também para cegos.

O judô levou duas pratas com os judocas Karla Cardoso e Eduardo Amaral. E o futebol de sete de paralisados cerebrais ficou com a última prata brasileira.

### **7.3.3- Os bronzes**

Os bronzes representaram o menor número entre as medalhas conquistadas pelo Brasil. Entre as sete medalhas, uma foi conquistada pelo judô, uma pela natação e cinco pelo atletismo.

Daniela Bernardes garantiu o bronze no judô e Francisco Avelino na natação, nos 100m peito para paralisados cerebrais. No atletismo, as medalhas foram para os deficientes visuais, Maria José Ferreira nos 100 e 200m rasos, Terezinha Guilhermino nos 400m rasos, Odair Ferreira nos 800m rasos e para o amputado de uma mão, Ozivan Bonfim nos 5000m.

#### **7.3.4- Recordes e destaques**

A revelação da equipe brasileira nos XII Jogos Paraolímpicos foi, sem dúvida, o potiguar Clodoaldo Silva. O nadador conquistou seis medalhas de ouro e uma de prata. Se fosse um país, na tabela de classificação geral, Clodoaldo ocuparia a 27ª colocação entre os 134 países participantes. Clodoaldo participou ainda, da quebra de três recordes mundiais e dois paraolímpicos.

### **8- Produções sobre o tema**

Pouco se conhece sobre produções em filme ou vídeo que trate do desporto para deficientes físicos. Os Jogos Paraolímpicos, apesar de serem o segundo maior evento esportivo do mundo, nunca atraíram muitos olhares e sempre acabaram ofuscados pelas competições olímpicas tradicionais.

Os Jogos de Atenas 2004, no entanto, representam um marco na cobertura jornalística de eventos esportivos para deficientes físicos. Pela primeira vez na história, as competições foram transmitidas ao vivo para o Brasil, pelo canal a cabo Sportv, assim como é feito com os Jogos Olímpicos que antecedem as Paraolimpíadas. Foi possível acompanhar em tempo real a conquista das 33 medalhas da equipe brasileira que foi à Atenas.

Com essa cobertura, outros canais e emissoras passaram também, a divulgar diariamente os resultados e a apresentar boletins e reportagens sobre o desempenho brasileiro na Grécia. Com o término das Paraolimpíadas, alguns programas especiais foram produzidos apresentando um resumo da vitoriosa participação do Brasil nos Jogos.

O canal Sportv, apresentou o programa “Dossiê Sportv”, com todo o material recolhido durante as competições e com novas entrevistas de atletas e membros do Comitê Paraolímpico falando das expectativas para os próximos Jogos, em Pequim, na China, em 2008.

O canal ESPN Brasil, também restrito à televisão a cabo, apresentou um especial com o resumo da atuação diária do Brasil em Atenas, destacando as medalhas conquistadas.

Todos esses programas utilizam linguagem jornalística, estruturando-se em offs e sonoras. Além de fazer um relato jornalístico do desempenho da delegação brasileira nos Jogos, eles também abordam a questão das dificuldades que o atleta paraolímpico enfrenta para obter resultados tão positivos. Como se não bastassem as limitações físicas, os atletas enfrentam também, problemas como falta de apoio e patrocínio. Os programas mostram essas dificuldades através de entrevistas feitas com atletas campeões, como a corredora recordista brasileira em medalhas em paraolimpíadas, Ádria dos Santos e a revelação da natação, Clodoaldo Silva, que só nesta última edição conquistou seis medalhas de ouro.

Apesar do significativo aumento do interesse da imprensa televisiva brasileira pelo esporte para deficientes, muito ainda deve ser feito. Uma cobertura que acompanhe o atleta paraolímpico brasileiro em toda a sua preparação até a realização dos Jogos, que ocorre de quatro em quatro anos, é importante para o amadurecimento do tema no Brasil.

## **9- Proposta do vídeo**

O objetivo do projeto é a produção de um vídeo documentário sobre a participação brasileira nas Paraolimpíadas de Atenas 2004. Utilizando com exclusividade todas as imagens captadas de atletas brasileiros nos Jogos, produzir um vídeo que documente a vitoriosa atuação dos brasileiros em Atenas.

Através de entrevistas inéditas com atletas brasileiros e importantes autoridades, como Severino Vital, atual presidente do Comitê Paraolímpico Brasileiro, pretende-se remontar à participação do Brasil nos doze dias do segundo maior evento esportivo do mundo.

A preparação da delegação, que se reuniu em Brasília, por uma semana, para treinamentos e reuniões; a chegada em Atenas e o dia-a-dia nas competições, daqueles que vieram a se tornar heróis brasileiros. A volta ao Brasil e as perspectivas de quem sonha agora, com uma nova realidade para o desporto paraolímpico no Brasil. Tudo isso apresentado pelos próprios personagens desse importante capítulo na história da conscientização e do respeito ao portador de deficiência física.

Por isso não são utilizados offs ou vozes imponentes que narram e interpretam os acontecimentos. A narração e o encadeamento dos fatos fica a cargo dos próprios agentes de transformação, que através de sonoras contam suas experiências e sentimentos.

A história foi dividida em temas que são apresentados através de cartelas. As imagens, exemplos de superação da dor e das limitações físicas, falam por si. Por isso, alguns efeitos visuais são utilizados apenas como recursos estéticos.

A trilha escolhida pretende, em alguns momentos dar ritmo às imagens de ação e em outros, deixar florescer a emoção diante de imagens em close que mostram a força física e as expressões faciais dos atletas durante as provas.

## **10- Relatório de produção**

A produção deste vídeo documentário contou com a ajuda e o empenho de toda uma equipe. O projeto se divide em quatro etapas: captação de imagens, entrevistas, decupagem/roteirização, edição/finalização.

### **10.1- Captação de Imagens**

A etapa de captação de imagens foi dividida em dois momentos. O primeiro durou seis dias e foi referente à semana de treinamento da delegação brasileira em Brasília. Todos os 98 atletas do Brasil que iriam para Atenas estiveram reunidos do dia 2 ao dia 8 de setembro na Capital Federal. Além de atendimento médico, psicológico e muito treino, os atletas foram recebidos pelo presidente Lula e participaram do desfile de 7 de setembro. Um cinegrafista acompanhou toda a programação da delegação brasileira e produziu 680 minutos de imagens digitais.

A segunda etapa durou 21 dias e se refere aos Jogos Paraolímpicos. Estendeu-se do dia 8 de setembro, quando a equipe embarcou no Rio de Janeiro rumo à Atenas, até a volta da equipe ao Brasil, no dia 29 de setembro.

Formada por 4 profissionais de comunicação, a equipe se dividiu para cobrir todas as participações brasileiras nas Paraolimpíadas. Desde a chegada da delegação em Atenas, reuniões de motivação, cerimônia de abertura, e todas as provas que reuniram atletas brasileiros.

Os cinegrafistas usaram quatro câmeras digitais Sony 3CCD. Uma PD-150, uma 250, uma 370 e uma 390. Além disso, tinham à disposição tripés, três pontos de luz e três

computadores lap top com ilhas de edição em ‘Final Cut’, para a pré-edição e corte das imagens brutas.

Neste período de captação foram produzidos 1856 minutos de imagens digitais.

### **10.2- Entrevistas**

Com o término dos XII Jogos Paraolímpicos e com o retorno da delegação ao Brasil, veio a etapa das entrevistas. Já tendo em mãos todo o rico material de Atenas, eram ainda necessárias, algumas entrevistas com personagens importantes dessa conquista histórica do Brasil. Essas entrevistas se tornaram o fio condutor de todo o vídeo documentário.

Aproveitando uma viagem de parte da comissão ao Rio de Janeiro, realizei entrevistas com o Severino Vital, presidente do Comitê Paraolímpico Brasileiro e grande responsável pelo projeto de Atenas, Clodoaldo Silva, revelação dos Jogos com seis medalhas de ouro e uma de prata, Adria dos Santos, atleta que já participou de cinco edições de paraolimpíadas e Anderson Lopes, ex-atleta e que foi para Atenas pela comissão técnica e participou como comentarista para um canal de televisão.

Nesta etapa foram produzidos 248 minutos de sonoras.

### **10.3- Decupagem e roteirização**

Com todo o material bruto em minhas mãos, um total de 2784 minutos de imagens, passei para a fase da decupagem das fitas. Foram duas semanas assistindo e anotando todas as imagens e fazendo a transcrição das entrevistas que serviriam como esqueleto para a montagem de todo o documentário.

Com as imagens catalogadas e bem familiares, parti para o roteiro. Sem offs, ou vozes narrando, o roteiro se baseou no encadeamento das sonoras para contar o que foi a participação do Brasil nestas paraolimpíadas. Os diferentes assuntos abordados foram divididos em cartelas que introduzem e organizam a história: Além disso, foi especificado no roteiro através do ‘Time Code’ das fitas, quais imagens deveriam ser utilizadas na sequência em todo o vídeo, cobrindo respectivamente as sonoras dos entrevistados.

#### **10.4- Edição e finalização**

Esta etapa final durou cerca de três semanas e se estendeu até as vésperas da entrega do projeto concluído. Foram dias e noites ininterruptos de trabalho do editor que utilizou uma ilha de edição Machintosh G4 com o programa 'Final Cut'. Foi um trabalho árduo para cumprir com o roteiro, escolher a trilha sonora, criar clips e mixar o áudio para a finalização do documentário.

Após a edição concluída, o vídeo documentário foi exportado em formato digital e copiado para o formato VHS.

## **11- Bibliografia**

ADAMS, Ronald C. *Jogos, esportes e exercícios para deficientes físicos*. São Paulo: Manole, 1985.

COLLI, Eduardo. *Universo olímpico: uma enciclopédia das olimpíadas*. São Paulo: Codex, 2004.

MELLO, Marco Túlio. *Paraolimpíadas Sydney: avaliação e prescrição do treinamento dos atletas brasileiros*. São Paulo: Atheneu, 2002.

QUEIROZ, Olney; PUSSOLI, Lafaiete. *Pessoa deficiente: direitos e garantias*. São Paulo: Edipro, 1999.

RIBAS, J. *O que são pessoas deficientes*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

ROSADAS, Sidney Carvalho. *Atividade física adaptada e jogos esportivos para o deficiente*. São Paulo: Atheneu, 1989.

### **Sites consultados:**

*Comitê Paraolímpico Brasileiro* ([www.cpb.org.br](http://www.cpb.org.br))

*Website brasileiro sobre as Paraolimpíadas* ([www.paraolimpiadas.com.br](http://www.paraolimpiadas.com.br))

*The official website of the Athens 2004 Olympic Games* ([www.athens2004.com](http://www.athens2004.com))

*Internacional Olympic Committee* ([www.olympic.org](http://www.olympic.org))



**Anexo A:**

Lei nº 10.264, de 16 de julho de 2001

O Presidente da República

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º O "caput" do art. 56 da Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998, passa a vigorar acrescido do seguinte inciso VI, renumerando-se o seguinte:

VI - dois por cento da arrecadação bruta dos concursos de prognósticos e loterias federais e similares cuja realização estiver sujeita a autorização federal, deduzindo-se este valor do montante destinado aos prêmios.

Art. 2º O art. 56 da Lei nº 9.615, de 1998, passa a vigorar acrescido dos seguintes §§ 1º a 5º:

§ 1º Do total de recursos financeiros resultantes do percentual de que trata o inciso VI do "caput", oitenta e cinco por cento serão destinados ao Comitê Olímpico Brasileiro e quinze por cento ao Comitê Paraolímpico Brasileiro, devendo ser observado, em ambos os casos, o conjunto de normas aplicáveis à celebração de convênios pela União.

§ 2º Dos totais de recursos correspondentes aos percentuais referidos no § 1º, dez por cento deverão ser investidos em desporto escolar e cinco por cento, em desporto universitário.

§ 3º Os recursos a que se refere o inciso VI do "caput":

I - constituem receitas próprias dos beneficiários, que os receberão diretamente da Caixa Econômica Federal, no prazo de dez dias úteis a contar da data de ocorrência de cada sorteio;

II - serão exclusiva e integralmente aplicados em programas e projetos de fomento, desenvolvimento e manutenção do desporto, de formação de recursos humanos, de preparação técnica, manutenção e locomoção de atletas, bem como sua participação em eventos desportivos.

§ 4º Dos programas e projetos referidos no inciso II do § 3º será dada ciência aos Ministérios da Educação e do Esporte e Turismo.

§ 5º Cabe ao Tribunal de Contas da União fiscalizar a aplicação dos recursos repassados ao Comitê Olímpico Brasileiro e ao Comitê Paraolímpico Brasileiro em decorrência desta Lei." (NR)

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 16 de julho de 2001; 180º da Independência e 113º da República.

**Anexo B:**

**Anexo C:**